

O capital gerado pelo extrativismo da madeira e o surgimento da SAIC

Luciano Adilio Alves

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul
(UFFS)

José Carlos Radin

Docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul
(UFFS)

Introdução/Justificativa

O presente trabalho pretende explicitar como a extração da madeira nativa existente no Oeste de Santa Catarina gerou acúmulo de capital que favoreceu o surgimento de diversos frigoríficos, com destaque para a Sociedade Anônima Indústria e Comércio Chapecó (SAIC). No início do século XX os madeireiros oestinos fizeram fortuna a partir da comercialização de madeiras nobres, entre as quais a araucária e a imbuia, espécies nativas que eram abundantes na região. O comércio incluiu até a exportação para a Argentina por meio das balsas que navegavam pelo Rio Uruguai. A atividade foi fundamental para gerar a riqueza necessária que possibilitou novos investimentos, entre os quais a ampliação da pecuária de corte e as primeiras indústrias especializadas no abate de animais e processamento de carnes e derivados.

A SAIC foi fundada em Chapecó no ano de 1952 e figurou entre os maiores frigoríficos de aves e suínos do Brasil até 2005, quando a Justiça decidiu decretar a falência da empresa diante de uma grave crise financeira que resultou em dívida superior a R\$1 bilhão. A crise causou diversos problemas socioeconômicos, como desemprego, inadimplência no comércio e queda na arrecadação tributária dos municípios da região (ALBA, 2013). O processo judicial ainda tramita no Judiciário catarinense.

Para compreender melhor a história dos frigoríficos oestinos é preciso estudar o modelo de povoamento e os primeiros arranjos socioeconômicos. A colonização do Oeste Catarinense se acentuou nos anos 1920 com a vinda de famílias que estavam no Rio Grande do Sul. Esses migrantes de origem europeia, em sua maioria descendentes de alemães e italianos, encontraram

em Santa Catarina uma série de desafios e oportunidades. Os principais desafios incluíam a falta de estradas e a urgência de fazer a derrubada de uma mata nativa densa, ação considerada necessária para implantar as primeiras lavouras. No topo da lista de oportunidades estava a oferta de terras agricultáveis a preços módicos (RADIN, 2020).

O período de colonização atraiu também pequenos comerciantes interessados em ampliar suas relações comerciais com outras regiões e estados. Um desses comerciantes foi Plínio Arlindo de Nês. Gaúcho nascido em Encantado no ano de 1921, De Nês investiu em diferentes modalidades comerciais e industriais, tanto no Rio Grande do Sul quanto em Santa Catarina. Mas foi na exploração e beneficiamento da madeira, nos anos 1940, que conseguiu acumular fortuna em Faxinal dos Guedes, na época um distrito que ainda pertencia ao município de Chapecó.

A partir dos anos 1950 a exploração madeireira arrefeceu. Os comerciantes locais, os madeireiros e os detentores de capital perceberam que era preciso investir em uma nova modalidade econômica. Alinhada a isso, a elite chapecoense uniu forças com lideranças políticas para fundar um frigorífico. Afinal, exemplos de sucesso não faltavam. Anos antes já haviam sido criados na mesorregião a Sadia, a Perdigão, o Diadema, entre outras agroindústrias especializadas no abate e processamento de carne suína. A criação de suínos já despontava como uma promissora atividade rural. Faltava, portanto, agregar valor à matéria-prima existente.

Plínio Arlindo de Nês estava estabelecido em Faxinal dos Guedes. Mas mantinha uma estreita relação comercial e política com a elite de Chapecó. Em razão do destaque empresarial no ramo madeireiro e da pequena experiência prévia obtida no contato com abatedouros gaúchos, acabou sendo convidado para capitanear a fundação do frigorífico em solo chapecoense. Assim, em 1952, nasceu aquela que seria, em breve, a maior empresa de Chapecó e região: a Sociedade Anônima Indústria e Comércio Chapecó LTDA – SAIC. As instalações, construídas na região Oeste de Chapecó, foram inauguradas três anos depois, em 1955. As atividades iniciaram com o abate diário de 40 suínos e a geração de 28 empregos diretos (SERPA, 2014)

A ata de fundação da empresa apresenta um heterogêneo grupo de investidores. Mas o que mais chama a atenção é a presença de lideranças políticas e de empresários que atuaram por vários anos na exploração da madeira. É o caso de alguns membros da Família Bertaso, de Hermínio Tissiani, e do próprio Plínio Arlindo de Nês que, como visto antes, nunca escondeu que fez fama e fortuna com a atividade madeireira. Entre os políticos conhecidos aparecem nomes como os dos ex-

prefeitos José de Miranda Ramos e João Destri e dos ex-governadores de Santa Catarina, Aderbal Ramos da Silva e Irineu Bornhausen .

Juntos, os sócios da SAIC que atuavam no ramo madeireiro representavam quase um terço das 476 ações da empresa na data da fundação. Muitos continuaram na sociedade por décadas. O próprio Plínio Arlindo de Nês continuou na presidência do frigorífico até o ano de 1988, quando passou o comando da empresa para o seu filho, Plínio David de Nês Filho, o Maninho.

O caso da SAIC não é o único. Outros frigoríficos de expressão na mesorregião Oeste de Santa Catarina foram criados por madeireiros que juntaram o capital financeiro suficiente para investir nessas empresas. Nessa lista podemos incluir Biágio Paludo, fundador do frigorífico Seara, em 1956, André Lunardi (Frigorífico Diadema, em 1939), Orlando Cella (Frigorífico Aurora, em 1969) e Attilio Pagnoncelli, fundador da Comércio e Indústria Saulle Pagnoncelli, em 1942, entre outros (TABELA 1).

A extração da madeira gerou capital e riqueza, mas também causou enormes danos ambientais. Em 1970 as matas nativas mapeadas pelo IBGE em Chapecó ocupavam mais de 49 mil hectares. Quinze anos depois, essa cobertura vegetal não chegava a 11 mil hectares. A supressão das florestas foi a forma encontrada para implantar pastagens e lavouras de grãos, estas últimas destinadas, em grande parte, à fabricação de ração animal (MORETTO; BRANDT, 2019).

Tabela 1 – Madeireiros que investiram em frigoríficos no Oeste de SC

Madeireiro	Frigorífico	Ano de Fundação	Município
LUNARDI, André	Diadema	1939	Xaxim
PAGNONCELLI, Attilio Saulle	Comércio e Indústria Saulle Pagnoncelli	1942	Herval D'Oeste
DE NÊS, Plínio Arlindo	SAIC	1952	Chapecó
PALUDO, Biágio Aurélio	Seara	1956	Seara
TISSIANI, Hermínio	SAIC	1952	Chapecó
CELLA, Orlando Jacob	Aurora	1969	Chapecó
BERTASO, Ernesto e Serafim	SAIC	1952	Chapecó

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Instituto Nacional do Pinho (INP)

O objetivo central deste breve trabalho que ainda está em fase de construção é demonstrar que a atividade madeireira foi um dos pilares de sustentação econômica que favoreceram a fundação e ampararam financeiramente as primeiras agroindústrias em diferentes municípios do Oeste de Santa Catarina. A metodologia utilizada incluiu a realização de uma revisão bibliográfica, seguida de consultas em teses, artigos e dissertações. O uso de fontes foi baseada na análise de documentos das empresas, reportagens publicadas em periódicos regionais e fotografias.

Resultados

Constatou-se que uma importante parcela dos fundadores dos primeiros frigoríficos da região Oeste de Santa Catarina atuou no ramo madeireiro e obteve acúmulo de capital por meio dessa atividade econômica. O caso mais evidente é o da Sociedade Anônima Indústria e Comércio Chapecó – SAIC, fundada em 1952, sob a liderança do empresário Plínio Arlindo de Nês. Até a fundação do frigorífico, De Nês atuava exclusivamente na exploração e comercialização de madeira, atividade na qual fez fortuna e que possibilitou o capital necessário para investir no novo empreendimento.

Assim, podemos afirmar que, ao contrário do defendido por muitos autores, a extensa exploração madeireira teve, sim, papel decisivo para financiar a expansão da pecuária de corte e a fundação de algumas das principais agroindústrias de carnes e derivados instaladas na mesorregião Oeste de Santa Catarina.

Referências

ALBA, Rosa Salete. **Espaço urbano: os agentes da produção em Chapecó**. 2. ed. Chapecó: Argos, 2013

ALVES, Luciano Adilio. **Ascensão e Queda de Uma Gigante: A Crise da Chapecó Alimentos e os Impactos Socioeconômicos no Município de Xaxim (1995-2015)**. 2021. 128f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2021. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/4179> Acesso em 10 de outubro de 2021.

BAVARESCO, Paulo Roberto. **A história econômica do oeste catarinense**. In: CARBONERA, Miriam et al (Org.). **Chapecó 100 anos histórias plurais**. 2. ed. Chapecó: Argos, 2018, p. 281-313.

BRANDT, Marlon. Paisagens Caboclas no Oeste de Santa Catarina: Colonização e Rupturas. In: BRANDT, Marlon; NASCIMENTO, Ederson (Org.). **Oeste de Santa Catarina: Território, Ambiente e Paisagem**. Chapecó: UFFS, 2015. p. 11-40.

CORAZZA, Gentil. Fronteira Sul: Traços da Formação Econômica. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo A. (Org.). **História da Fronteira Sul**. Chapecó: UFFS, 2016. p. 298-317.

ESPÍNDOLA, Carlos José. **As agroindústrias no Brasil: (O Caso Sadia)**. Chapecó: Grifos, 1999.

FONTANA, Attilio. **História da minha vida**. Petrópolis: Vozes, 1980.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

GRETZLER, Cristiane. **Chapecó (SC) para além de polo regional, uma cidade média no Oeste catarinense**. 2011. 186 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2/browse?type=author&value=Gretzler%2C+Cristiane>. Acesso em: 20 fev. 2020.

MORETTO, Samira Peruchi; BRANDT, Marlon. Das pequenas produções à agroindústria: suinocultura e transformações na paisagem rural em Chapecó, SC. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 26, p. 229 - 254, jan./abr. 2019.

RADIN, José Carlos. A indústria frigorífica no oeste catarinense e a participação dos ítálos (1940-1960). **Revista História: Debates e Tendências**, v. 19, n. 4, p. 720-744, 23 dez. 2019. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/10495>. Acesso em 14 de março de 2020.

RENK, Arlene. **A Luta da Erva: Um Ofício Étnico da Nação Brasileira no Oeste Catarinense**. 2. ed. Chapecó: Argos, 2006.

SERPA, Ivone Maria. **Da produção colonial ao sistema agroindustrial: a modificação do perfil produtivo da região de Chapecó (1920-1980)**. 2014. 150 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2014.